



UMA CIDADE, DOIS AUTORES

Walnice Nogueira Galvão
Universidade de São Paulo

City images in the works of Machado de Assis and Lima Barreto are contrasted in this essay, as well as the lives of the two writers in nineteenth century Rio de Janeiro. The issue is how their attachment to the city and certain of its places leads them to a metamorphosis of spaces, going from iconic to symbolic ones, loaded with connotations.

O Rio de Janeiro foi palco da ficção de Machado de Assis e Lima Barreto, entre outros. Habitando a mesma cidade, ambos apresentam traços biográficos em comum, bem como opções estéticas bastante próximas, enquanto prosadores realistas. Entretanto, as similitudes cessam a partir de certo ponto, que interessa aqui, até porque resta forte a impressão de que não há uma só cidade, mas duas, discordantes e afastadas uma da outra.

Este estudo, portanto, privilegiará o tratamento do espaço na obra de ambos.¹ Será preciso atentar para dois eixos de análise. O primeiro interrogará como e por que os dois escritores passam suas vidas em campos praticamente estanques, quando ambos partilham a condição de mulatos pobres no Rio da virada do século. O segundo se volta para a maneira como o apego a certos lugares os conduz a uma metamorfose dos espaços que, icônicos à partida, vão-se tornar simbólicos, carregados de conotações afetivas – sejam elas burlescas ou sinistras.

É assim que sobre o mapa da cidade do Rio de Janeiro são operados recortes que selecionam e pinçam áreas heterogêneas, em seguida agenciadas para recompor um outro conjunto. Este conjunto de áreas reagrupadas torna-se então um sintagma, do qual as unidades mínimas inicialmente recortadas constituem os paradigmas, de tal modo que se pode ler a estrutura do conjunto como um significante, cujos significados pedem para ser inferidos.

Os dois escritores foram testemunhas da avalanche modernizadora que fez do Rio uma metrópole do século XX. A primeira fase, da metade do Oitocentos até a proclamação da República, foi vivida por Machado de Assis; e a segunda, daí em diante, por ambos. O arranque inicial é dado pela liberação dos capitais investidos no tráfico de escravos – no seu conjunto

o maior negócio do País – e sua disponibilidade para outros setores. Bancos, estradas-de-ferro, usinas de gás e de eletricidade, navegação, pontes: são, em suma, os albores da industrialização que se anunciam.² Todavia, sua face mais visível será a renovação do tecido urbano do Rio, que se inspirará no modelo, incontornável, da reforma Haussmann de Paris. Mais tarde, arrasa-se o Centro depredado onde os pobres viviam amontoados, com o corolário de sua expulsão rumo à periferia; abrem-se largas avenidas; projetam-se praças para onde elas convergem; edificam-se palácios e palacetes. A fórmula que tudo resume no seu laconismo é o *slogan* mais repetido na *Belle Époque*: “O Rio civiliza-se”.³ Em cinquenta anos, a cidade mudou de figura.

Ainda mais quando só havia propriamente *uma* cidade, o Rio, o resto não passando de vilas provincianas; mesmo São Paulo mal contava duzentos mil habitantes por volta de 1900. Um viajante estrangeiro fizera esta observação, um pouco antes, em 1883, quando a rua do Ouvidor ainda não cederá sua preponderância à futura Avenida Central: “O Rio de Janeiro é o Brasil, e a rua do Ouvidor é o Rio de Janeiro. Quem quiser aprender a maneira por que o Brasil é governado e os negócios públicos conduzidos, não tem mais que passear algumas horas por dia na rua do Ouvidor”.⁴

Ora, Machado de Assis é o cronista meticoloso e clarividente de toda essa prosperidade súbita. Tendo ensaiado a mão na prosa romântica antes de alçar-se ao posto de maior ficcionista do realismo brasileiro, tornar-se-á cada vez menos romântico e mais feroz, sobretudo a partir das *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881).

Recapitulando traços canônicos de suas várias biografias, sabidos por todos, a bem do argumento: o futuro escritor era de origem modesta, mulato e pobre, bem como autodidata.⁵ Encontra todavia um protetor, emprega-se como pequeno funcionário público, casa-se com uma branca portuguesa, e escreve. Funcionário exemplar, galga os degraus da carreira através de promoções que o elevam cada vez mais; passa por um processo de branqueamento que é óbvio até nos retratos; grangeia a amizade dos poderosos; é condecorado pelo Imperador com a Ordem da Rosa, como Cavaleiro em 1867 e como Oficial em 1888; e funda a Academia Brasileira de Letras, da

qual é o primeiro presidente em caráter perpétuo. Era lido por todos, entendendo-se por *todos* aqueles que integravam o público leitor de então, e a tal ponto que veio a ser uma espécie de oráculo ao mesmo tempo que a encarnação da respeitabilidade. Foi reconhecido em vida como o maior escritor do País e quando morreu já era uma instituição nacional. Em suma, Machado de Assis realiza em sua biografia o ideal burguês de partir de zero para chegar ao pináculo.

Sabe-se bem o que o escritor, com um perfil como esse, acabou produzindo como obra. Voltando decididamente as costas a suas origens, à cor de sua pele, a sua classe, Machado de Assis rejeita como assunto escravos, mulatos, pobres, salvo raríssimas instâncias. Em troca, ou melhor, em retaliação, vai ser o analista impiedoso da sociedade do Rio de Janeiro em pleno processo de enriquecimento, tendo escolhido portanto o pólo de decisão econômico e político do País. E isso, com a mão perdidamente leve e o humor à maneira setecentista inglesa de alguns de seus predecessores, sobretudo como o Lawrence Sterne de *Tristram Shandy*, como a crítica já observou.

Não se busque em sua obra um painel do sistema geral da sociedade, como em Balzac ou Zola, nem essa espécie de enciclopédia da tolice mediana, como no Flaubert de *Bouvard et Pécuchet*, sobretudo. Perseguindo com mestria um outro filão, Machado de Assis vai visar à má-fé burguesa, em filigrana mola secreta das virtudes convencionais. Aliás, um pouco de sua inimitável maneira se reencontrará mais tarde – menos sorna, mais patente – em *A consciência de Zeno*, de Italo Svevo.

Exemplar desse filão é *Quincas Borba* (1891), onde o leitor vê o novo Rio com os olhos deslumbrados de Rubião, enriquecido por uma herança e recém-chegado da província. A Corte é a epítome de todas as elegâncias: mulheres bem vestidas e perfumadas, interiores opulentos, ruas fervilhantes de gente. Apanhado nas malhas de um xadrez social que não compreende, Rubião acaba voltando à província para morrer na miséria e na insânia, tendo perdido inadvertidamente sua fortuna para os mais sabidos. É trágico mas também grotesco, porque escrito por mão de mestre. As personagens de Machado de Assis são rotineiramente torpes e finórias. As poucas que escapam não passam de simplórios que devem seus aparentes dotes morais à ingenuidade, à falta de argúcia. Por isso, merecem ser

engambeladas: não são capazes de dominar as regras do jogo, em que o escritor tão bem se saiu. A alegoria das duas tribos que disputam numa querela de vida ou morte a mesma colheita, e que deu origem à mais célebre divisa da literatura brasileira, é uma figuração do entrecho do romance, este à guisa de demonstração daquela.

A admiração de Machado de Assis, tantas vezes expressa, por mestres do estilo altamente considerados em seu tempo, como Renan e Anatole France, também deixou marcas em sua maneira de escrever, afora os ingleses. O que se pode detectar na elegância rebuscada, no gosto pelo circunlóquio e pela reticência, pelas figuras de negação e pelas litotes⁶ – uma maneira, enfim, *un peu guindé* conforme os franceses mas mesclando-se ao *understatement* conforme os ingleses. Seu procedimento usual é o de minimizar o dramático e até o trágico. Trata-se evidentemente de um misantropo, sardônico e ácido, mas que envolve a misantropia em riso. O efeito literário é certo. A alguém que diz ter caído das nuvens, retruca o interlocutor, no registro do bom senso: “Antes cair das nuvens do que do terceiro andar”. O chavão em hipérbole é pulverizado pelo epigrama fulgurante, e o discurso num átimo rebaixado.

Já no tratamento dos espaços, a oposição maior repousa entre os públicos e os privados. Acompanhemos um pouco o palmilhar diário do escritor, em toda a sua glória, pelas ruas. Bem à vontade numa cidade onde era um cidadão conhecido e reconhecido, ele dominava os percursos. Sua auréola estava firme no lugar, ainda não tinha caído na lama como a de Baudelaire. Machado de Assis levava uma vida bastante sistemática, indo e vindo a cada dia de casa, onde era esposo exemplar, ao Ministério, onde era funcionário outro tanto. Também diariamente, de volta do trabalho, passava sua meia-hora na livraria Garnier, que lhe editava os livros. Todos os intelectuais da época ali acorriam, para suas tertúlias. Mas Machado de Assis era privilegiado, pois tinha *sua* cadeira, onde ninguém ousava sentar-se. Afora isso, saía pouco, salvo para ir à Academia, embora fosse requestado e recebesse inúmeros convites lisonjeiros. Reservadíssimo, até mesmo na correspondência, tinha poucos e seletos amigos; nenhum dos seus contemporâneos pôde se jactar de saber o que ele de fato pensava. Apesar de contribuinte assíduo de periódicos, onde ia urdindo a crônica

dos acontecimentos,⁷ destoava da moda insuportável de seu tempo por não se baratear na promiscuidade da polêmica (na formulação famosa, por “tédio à controvérsia”), e pouco comentava do que escrevia.

Entretanto, é bom lembrar que se tratava de uma celebridade, que a fama seguia seus passos e as pessoas o reconheciam nas ruas. É difícil eludir a impressão de que isso lhe era agradável – ser reconhecido, ser um grande homem, ter subido na vida. Entretanto, no mesmo movimento, ele menosprezava tais admiradores. Basta lembrar a quantidade de farpas que endereçou àqueles que ficam boquiabertos diante do renome de outrem, afora a “Teoria do medalhão”.

Na ficção, a cidade de Machado de Assis é tão bem dividida quanto seu roteiro cotidiano, sendo todavia dotada de uma diversidade mais complexa. De um lado, estão os espaços nobres: a rua do Ouvidor – como mais tarde a Avenida Central –, onde a gente chique ia passear de tarde e onde se espalhavam os boatos a respeito de qual Ministério iria cair, quem dormia com quem, como andava a Bolsa; a ópera e os bailes, onde transitava a sociabilidade formal; as residências particulares e os salões mundanos, onde se recebia em casa. De outro lado, estão os espaços nada nobres: as vielas com casinhas onde as grandes damas iam consultar as cartomantes, provar vestidos em suas costureiras, ou encontrar os amantes.

Mas há ainda uma outra espécie de espaço: aquele das vias de osmose, os poros por onde dois espaços violavam suas próprias fronteiras, e que são o lugar do perigo. Confira-se o desempenho dos quintais, das alcovas enquanto estação transitória e dos corredores. É no quintal que começa o namoro entre dois adolescentes de posição social desnivelada, desembocando numa enigmática triangulação e numa tragédia em surdina, em *Dom Casmurro*. Nas alcovas, aposentavam-se os agregados e dependentes, destituídos de posses: uma velha tia empobrecida, um padre sem paróquia, uma moça sem dote aguardando casamento. Toda essa gente participava da rotina da casa, desempenhando um papel nas intrigas. Nos corredores, ouvidos atentos se enfronhavam no que não era de sua conta.

Fora dos espaços intramuros, o escritor ia registrando a fisionomia proteiforme da cidade do Rio, onde os veículos

puxados a cavalo cedem passagem aos bondes, antes a tração animal e a energia depois; a iluminação das ruas se instala, primeiro a gás e mais tarde a eletricidade; artérias e logradouros se alargam; velhos prédios são demolidos, enquanto outros se elevam. O grande agente modernizador, o dinheiro, diversificado em novos negócios, é o que permite as transformações concretas da morfologia urbana, mas acarreta igualmente as mudanças dos costumes e dos valores, que concentram o interesse do escritor.

Machado de Assis teve uma vida longa e escreveu por cerca de quarenta anos. Assistiu a vários eventos históricos marcantes, entre eles a abolição da escravatura em 1888 e a proclamação da República no ano seguinte. Todavia, nada o tirou do sério e ele permaneceu cauto, em meio à euforia que o rodeava. Assim foi em tudo que escreveu, sempre cético e às vezes cínico, jamais apaixonado.

Malgrado a unanimidade, foi, todavia, acusado de desprezar a natureza, começando pelos reparos que lhe endereçou Sílvio Romero, o mais influente crítico literário da época.⁸ Num país onde a natureza é tão exuberante e imponente, por isso tendo sido alçada a emblema da nacionalidade enquanto marca de diferenciação – basta lembrar as querelas dos românticos –, ele sequer a enxergou. Em todo caso, jamais deixou o Rio, salvo para temporadas nas montanhas próximas. Nesse ponto, se os reparos têm fundamento, quem viu justo foi Machado de Assis, pois era na cidade do Rio, sem nada a ver com a natureza, que o destino das pessoas, da sociedade e do país se decidia.

Em “O alienista” (1881), seu conto mais longo e ambicioso pela envergadura, uma cidade no seu conjunto é elevada a alegoria, para mostrar que a sociedade dos humanos é a adição dos egoísmos, sem lugar para a solidariedade. Nesse conto, que carnavaliza uma revolução popular, zomba-se de qualquer tentativa de transformação da sociedade, ainda que equivocada, ratificando assim a ordem estabelecida. Ao contrário dos romances, os quais, como foi mencionado, comportam pequenas alegorias de que o livro todo é uma demonstração, aqui temos um quadro alegórico global com uma visada ficcional. Os espaços privilegiados são, de um lado, a cidade de Itaguaí, e de outro o hospício da Casa Verde. Os dois espaços se colocam como

intercambiáveis, cada um sendo o reverso do outro, sem que se possa decidir qual é qual: o leitor jamais saberá qual deles é a sede da razão e qual a sede da loucura.

No final do século passado estréia na cena literária do Rio um jovem escritor que viverá apenas até a quarentena e que morrerá cerca de uma década depois de Machado de Assis, sendo, portanto, seu contemporâneo mas pertencendo já a uma outra geração.

Lima Barreto efetua um percurso que em nada se assemelha ao de seu antecessor, à parte os mesmos inícios. Também é mulato e pobre, autodidata com estudos interrompidos, encontra um protetor, torna-se pequeno funcionário público, mas não faz carreira, nunca se casa e não sobe na vida. Colabora regularmente na imprensa, enquanto escreve romances e contos. Assiste a uma fase mais avançada da metamorfose moderna do Rio. Leva uma vida boêmia e desregrada; *flâneur*, sua auréola, a exemplo de Baudelaire e ao contrário de Machado de Assis, já caiu na lama; ele não é um artista conspícuo. Após ter publicado três romances e numerosos contos, candidata-se por duas vezes a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras – aquela mesma de que Machado de Assis era fundador e presidente perpétuo –, sendo por duas vezes recusado, enquanto grossas mediocridades são eleitas. Sem renome e sem posição, encastela-se no ostracismo rancoroso de quem não conhece o seu lugar. Morrerá cedo, aos 43 anos, após ter sido várias vezes internado em hospícios para curas de desintoxicação. Suas relações com a cidade, tanto na peregrinação diária quanto nos escritos, são bem diversas das de Machado de Assis. Para começar, não se sentia em casa nela, mas como alienígena, devido à cor de sua pele. Ademais, era mal ajambrado, mal apessoado e nada respeitável. Seu olho agudo de pária fisga as diferenças sociais, aquilo que sentem as pessoas de cor, os pobres e até mesmo as mulheres.⁹ Quanto a estas últimas, ele as analisa, entre outras, em *Clara dos Anjos* e na personagem Olga de *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

Lima Barreto anota e descreve o movimento da população na cidade, à medida que os pobres são expulsos para a

periferia pelo melhoramento do Centro. Observa igualmente aqueles que chegam do interior cheios de ilusões, atraídos pelo brilho da metrópole mas fadados ao insucesso, como o Rubião de Machado de Assis, mas invertendo o ângulo do flagrante. É assim que vai registrando a segunda fase de prosperidade do Rio, aquela que se segue à proclamação da República.¹⁰

O mais bem acabado de seus romances – *Triste fim de Policarpo Quaresma*¹¹ – empreende, com seriedade e sátira, a criação de uma personagem procurando encontrar seu lugar na cidade do Rio. O que complica a vida de Policarpo, a todos os títulos simpático e decente, é ser um patriota sincero, desejoso de fazer alguma coisa por sua pátria, a qual não é reciprocamente nem acolhedora nem agradecida.

Mais um funcionário, Policarpo luta pela implantação no país de uma língua não estrangeira, o tupi, abrindo uma crise em sua vida. Isso se passa no Centro da cidade, que se torna para ele o espaço do desastre. Insatisfeito, e já que o tupi só lhe trouxera aborrecimentos, Policarpo tenta encontrar o verdadeiro Brasil indo praticar a agricultura num sítio que possui na periferia. Sem êxito: entre outros flagelos naturais e sociais, as formigas chegam e arrasam suas modestas plantações. Tendo fracassado no Centro e no arrabalde, ou seja, nos espaços extremos, Policarpo recua para o espaço intermediário, ou seja, para o bairro suburbano onde viviam sua família e seus amigos. Entretanto, lá também nada vai em frente, as pessoas o entediam, a mediocridade é insuportável. Convicto de seus elevados princípios, prossegue em sua demanda da autenticidade nacional e tenta sucessivamente o violão – mal-visto porque associado aos pobres –, o folclore e as religiões africanas, quando vislumbra nova oportunidade.

Estoura a revolta da Armada (1893), uma dentre as inúmeras que marcam o período de consolidação do recente regime republicano. Policarpo procura seu velho camarada Floriano Peixoto, agora presidente, e se apresenta como voluntário para a defesa da cidade do Rio, bombardeada pelos navios rebeldes na Baía da Guanabara. Contudo, o novel voluntário vem a protestar contra a execução sumária dos prisioneiros, e acaba por ser ele mesmo enviado para o fuzilamento. É esse o triste fim de Policarpo Quaresma.

O leitor, se quiser, pode reter a impressão de estar diante de uma reflexão, aliás sutil, sobre as acusações dirigidas contra Machado de Assis, quando se dizia que ele não era patriota porque ignorava a exótica natureza brasileira, ou porque era reticente quanto ao entusiasmo investido nas causas políticas do tempo, ou porque não retratava as camadas e a cultura populares. Pode lembrar-se também de que outro escritor, este branco e engenheiro diplomado, atravessava o mesmo espaço que assistiu ao triste fim da personagem de Lima Barreto. Euclides da Cunha – que virá a travar relações pessoais e corresponder-se com Machado de Assis,¹² bem como a pertencer à Academia Brasileira de Letras –, então recém-formado pela Escola Superior de Guerra, fora naquela quadra designado para trabalhar nas fortificações das docas contra os mesmos revoltosos. Cruzou-se igualmente com Floriano Peixoto, de quem fora por curto período ardente admirador, assim como se engajara nas causas da abolição e do republicanismo. Deixou sobre o líder algumas páginas fortes: “O Marechal de Ferro”, de 1904, e “A esfinge (De um diário da revolta)”, datado de 8 de fevereiro de 1894, quando se achava realizando aquela tarefa profissional, ambos recolhidos em *Contrastes e confrontos* (1907), a que se somam menções em *Os sertões* (1902) e uma entrevista com o marechal relatada em carta a Lúcio de Mendonça, datada de 1904.

São do segundo texto algumas observações como esta: “...me penitencio do uso desta espada inútil, deste heroísmo à força e desta engenharia mal-estreada...”. Ao receber uma turma de operários recrutados a laço, comenta que eles eram “patriotas sob a sugestão irresistível dos rifles desembainhados e pranchadas iminentes”. E acrescenta, ponderando a contraditória situação em que se encontrava enquanto procedia às fortificações: “Urgia por mãos à tarefa. Certo não desfaleceria da minha banda a defesa da *Legalidade* – belo eufemismo destes tempos sem leis”.

Dez dias depois, Euclides extravasaria sua indignação ante o que presenciara e em que fora envolvido como engenheiro-militar, ao escrever duas cartas abertas à *Gazeta de Notícias* (18 e 20 de fevereiro de 1894). Nelas, protesta, em nome de “um país nobilitado pela forma republicana”, contra a idéia de executar sumariamente os prisioneiros: o senador João Cordeiro sugerira no Parlamento que se jogasse dinamite nas cadeias

onde estavam presos os revoltosos. O gesto, que conheceu uma certa notoriedade, se aproxima daquele de Policarpo Quaresma, ao qual pode ter inspirado: em ambos, trata-se de sincero impulso em defesa dos direitos democráticos dos oprimidos. Ambos estavam fadados ao desastre. A punição de Euclides foi menos letal que a de Policarpo e não passou de um exílio branco, muito de uso nas forças armadas da época, resultando em sua remoção para a cidadezinha de Campanha, no interior de Minas Gerais. À época, seu sogro e um dos proclamadores da República, o General Solon Ribeiro, sofreu o mesmo tipo de castigo (após ser preso e repreendido em ordem-do-dia), sendo mandado por Floriano, com quem se desentendera por defender a Constituição, para Mato Grosso. O fato é comentado em carta que Euclides lhe escreveu já de Campanha, datada de 6 de junho de 1894, onde externa bastante de seu próprio desgosto. A partir de então, Euclides permaneceria em desgraça ante o regime, como confidencia ao sogro logo depois, em carta de 10 de janeiro de 1895, a crer em suas palavras: "... nada conseguirei de uma política enredadíssima e listrada pelas raias rubras de jacobinismo que me vê com maus olhos". Datam de sua punição algumas cogitações de abandonar o exército, expressas na mesma carta, e os primeiros passos para concretizar a decisão, que logo depois o levará à reforma, em 1896.

Tudo se passa na mesma cidade e na mesma época, e a fantasia se deleita em reconstituir percursos e cruzamentos imaginários. Entretanto, e em suma, a cidade de Machado de Assis e de Lima Barreto é e não é a mesma. Trata-se, sem dúvida, de uma certa aglomeração urbana onde ambos viveram. Contudo, assim como seus percursos cotidianos não coincidem, entre os espaços de um e de outro instaura-se uma relação que é antes de oposição.

Machado de Assis ou estava em casa, em sua residência do belo bairro de Cosme Velho, ou em outros espaços nobres do Rio: a Academia, sua editora, a Ópera, o Ministério, as ruas principais do Centro. Ao contrário, Lima Barreto morava no subúrbio pobre, freqüentava os cafés e bares de má reputação, era

cliente de hospícios e hospitais – todos, espaços que assombram sua ficção e seus diários íntimos.

De fato, os roteiros respectivos dos dois escritores não se recobriam, apesar de terem eles pertencido simultaneamente à cena literária do Rio durante quase dois decênios. O resultado estético dessa situação paradoxal é igualmente a seleção de diferentes espaços em suas obras, os quais passam de icônicos a simbólicos.

* * *

Levando em conta todos esses elementos, quem sabe se deveria acrescentar ainda mais um, ou seja, o de que não era simples ser um escritor mulato e pobre no Brasil da época – seja essa condição assumida, como no caso de Lima Barreto, seja ela negada, como no caso de Machado de Assis.

Gilberto Freyre estudou a irresistível emergência daquilo que foi uma “fulgurante plebe intelectual”.¹³ Dando os primeiros sinais no Império mas avolumando-se até atingir a República, a ascensão social de bacharéis e mulatos, às vezes coincidindo num só indivíduo, indicia a debilitação do poder do antigo patriciado rural concomitante à urbanização. Entre os bem-dotados plebeus que agora galgavam postos na vida pública da cidade, percebe-se a pressão causada pelo temor das origens suspeitas.

Euclides da Cunha proclamou-se “misto de celta, de tapuia e grego”.¹⁴ Coelho Neto reiterava ser “o último dos helenos”. Sílvio Romero apressou-se a repelir a suspeita de sustentar não desinteressadamente a miscigenação, publicando sua genealogia só de ancestrais lusos.¹⁵ O fantasma persecutório da mistura africana assombrava a todos, que assim a seqüestravam. Machado de Assis, em “O alienista”, escarnece do privilégio alcançado pelos cidadãos de Itaguaí de portar um certo anel no polegar esquerdo, desde que *declarassem* ter nas veias “duas ou três gotas de sangue godo”. O escritor não elucida mais essa excentricidade, dentre as tantas que acometem os itaguaienses. Mas os godos, colonizadores da península ibérica, eram brancos, e a etnia é a portuguesa – nem índia, nem negra. Foi o alienista quem obteve da Câmara a autorização do privilégio, para em seguida trancafiar na Casa Verde os inúmeros que dele

se valeram. Diz o texto que sua iniciativa pode ter visado a desmascarar novos loucos, além de enriquecer um ourives amigo. A estocada magistral fica camuflada, como de hábito nesse autor, pela cortina de fumaça dessas e de outras cavilações.

Para que o leitor se dê conta da densidade semântica, e até das implicações psicanalíticas, da questão, basta ter em mente a carta que Joaquim Nabuco escreveu a José Veríssimo por ocasião da morte de Machado de Assis em 1908.¹⁶ Os dois primeiros, como se sabe, eram brancos; todos os três eram bons amigos, pertenciam à Academia Brasileira de Letras e figuravam entre os mais influentes membros da intelectualidade coeva.

Um trecho da referida carta assim reza: “Seu artigo no *Jornal* está belíssimo, mas esta frase causou-me um arrepio: ‘Mulato, foi de fato um grego da melhor época’. Eu não teria chamado o Machado *mulato* e penso que nada lhe doeria mais do que essa síntese. Rogo-lhe que tire isso, quando reduzir os artigos a páginas permanentes. A palavra não é literária e é pejorativa, basta ver-lhe a etimologia. Nem sei se alguma vez ele a escreveu e que tom lhe deu. O Machado para mim era um branco, e creio que por tal se tomava; quando houvesse sangue estranho, isto em nada afetava a sua perfeita caracterização caucásica. Eu pelo menos só vi nele o grego. O nosso pobre amigo, tão sensível, preferia o esquecimento à glória com a devassa sobre suas origens”.

NOTAS

¹ V. BACHELARD, Gaston. *La poétique de l'espace*, Paris: PUF, 1957. BENJAMIN, Walter. “Paris, capital do século XIX”, in *Walter Benjamin*, org. e trad. Flávio Kothe, São Paulo; Ática, 1985; e *Obras escolhidas III. Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*, trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Batista. São Paulo: Brasiliense, 1989. BOLLE, Willi, *Fisiognomia da metrópole moderna*, São Paulo, EDUSP, 1994.

² PRADO JR., Caio. *História econômica do Brasil*. São Paulo; Brasiliense, 1945. FAORO, Raymundo. *A Pirâmide e o Trapézio*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2a. ed., 1976.

³ BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. DIMAS, Antonio, *Tempos Eufóricos – Análise da Revista Kosmos: 1904-1909*, São Paulo; Ática, 1982.

⁴ KOSERITZ, Carl von. *Imagens do Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1980.

⁵ CANDIDO, Antonio. "Esquema de Machado de Assis", in *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 3a. ed., 1995, ao analisar as várias etapas da recepção do autor, adverte para a extravagância romântica de uma crítica que viu nele um mártir.

⁶ "Estilo velado" e "Retórica do subentendido", na definição de MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977, 3a. ed., p. 178.

⁷ GLEDSON, John. *Machado de Assis – ficção e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986; *Machado de Assis – impostura e realismo*, Companhia das Letras: São Paulo, 1991; bem como suas edições de crônicas em *Bons dias*, São Paulo: Hucitec, 1990 e *A Semana*. São Paulo: Hucitec, 1996. V., em outra direção, SCHWARZ, Roberto. *Um Mestre na Periferia do Capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

⁸ ROMERO, Sílvio. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1897. CANDIDO, Antonio. "Fora do texto, dentro da vida", in *A Educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

⁹ COUTINHO, Carlos Nelson. "O significado de Lima Barreto na literatura brasileira", in *Realismo e Anti-realismo na Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974. CANDIDO, Antonio. "Os olhos, a barca e o espelho", in *A educação pela noite & outros ensaios*, São Paulo, Ática, 1987.

¹⁰ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*, São Paulo, Brasiliense, 1983. NEEDLE, Jeffrey D. *A Belle Époque tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

¹¹ Publicado em folhetins no *Jornal do Comércio* em 1911 e em livro em 1915.

¹² TRAVASSOS, Renato. *Cartas de Machado de Assis e Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Waissman, Reis & Cia., 1934.

¹³ A frase é de Gilberto Amado, citada em Gilberto Freyre, *Sobrados e mucambos*, Rio de Janeiro, Record, 1990, 8a. ed., Cap. XI – "Ascensão do bacharel e do mulato", à p. 585.

¹⁴ CUNHA, Euclides da. "Dedicatória a Lúcio de Mendonça", in *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, Vol. I, p. 656.

¹⁵ ROMERO, Sílvio. *Passe recibo (réplica a Teófilo Braga)*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1904, ps. 31, 32 e 52.

¹⁶ *Revista da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro, v. 22, n. 115, julho de 1931.